

ENSAIO VISUAL1_



Figura 1 - Terrário no local de sua construção
Fonte: Arquivo da Autora



Figura 2 - Terrários no local de sua construção
 Fonte: Arquivo da Autora



Figura 3 - Terrário

Fonte: Arquivo da Autora



Figura 4 - Instalação de Terrários
Fonte: Arquivo da Autora



Figura 5 - Instalação de Terrários imagem frontal
Fonte: Arquivo da Autora



Figura 6 - Detalhe do conteúdo interno de terrário
 Fonte: Arquivo da Autora



Figura 7 - Detalhe do conteúdo interno de terrário
 Fonte: Arquivo da Autora



Figura 8 - Detalhe de gotículas de água no interior de terrário
 Fonte: Arquivo da Autora

resumo_

O trabalho artístico aqui apresentado trata de uma instalação artística efêmera, no qual terrários eternos são montados em uma sala expositiva sem presença do sol para que morram lentamente. Os terrários eternos são objetos construídos a partir de materiais encontrados em reservas naturais de Mata Atlântica, que, uma vez fechados, não podem mais ser abertos, mantendo seus ciclos internos em equilíbrio ecológico. Considera-se estes objetos como uma alegoria aos ecossistemas vivos do planeta e ainda como uma representação metafórica do planeta como um todo. Sendo assim, a possibilidade de que eles, tal como um corpo vivo, possam morrer, faz com que a instalação se torne uma contemplação da morte. Assim como nas obras de Déborah Danowski e Isabelle Stengers, a temática do fim do mundo, advento das mudanças climáticas e crise ambiental que nos encontramos, aparece como uma forma de crítica através deste trabalho.

Palavras-chave: Instalação efêmera, Terrários eternos, Alegoria, Ecologia.

abstract_

The artistic work presented here is an ephemeral artistic installation where eternal terrariums are assembled in an exhibition room without exposure to the sun, so that they slowly die. Eternal terrariums are objects built from materials found in natural reserves in the Atlantic Forest, which, once closed, can no longer be opened, keeping their internal cycles in ecological balance. Consider these objects as an allegory to the planet's living ecosystems, and also as a metaphorical

representation of the planet as a whole. Therefore, the possibility that they, like a living body, could die, makes the installation a contemplation of death. As in the works of Déborah Danowski and Isabelle Stengers, the theme of the end of the world, the advent of climate change and the environmental crisis we find ourselves in, appears as a form of criticism throughout this work.

Keywords: Ephemeral installation, Eternal terrariums, Allegory, Ecology.

defesa da obra_

Os terrários são recipientes fechados, contendo pedras, terra e água, capazes de sustentar a vida de plantas, insetos e animais. São chamados de eternos aqueles que não são abertos mantendo um equilíbrio interno através dos processos de trocas químicas entre as plantas, a matéria orgânica, a evaporação e condensação da água em seu interior, sendo o único elemento externo a luz do sol que entra pelo vidro. Por não serem abertos, os terrários eternos não têm uma função ornamental, como um jardim, um vaso, ou um aquário: o que acontece dentro deles não pode ser alterado em função de sua estética nem de sua manutenção. Os terrários podem ser lidos como uma representação dos ecossistemas e biomas da Terra. O equilíbrio ecossistêmico do terrário é comparável aos ecossistemas vivos do planeta, ou ao contrário, os ecossistemas da Terra funcionam tal como um terrário, onde a luz do sol fornece energia para a vida dentro dela. Estes recipientes foram inventados pelo inglês *Nathaniel Ward* no século XIX, e se difundiram entre os naturalistas e botânicos europeus que coletavam amostras de espécies de plantas nas

então colônias, e que precisavam que os espécimes sobrevivessem às grandes viagens de navio de volta à Europa. Este trabalho artístico chamado ‘Antes que tudo vire pó’ é construído a partir de um terrário eterno com materiais coletados em região de mata atlântica, em um local específico, como uma cachoeira ou montanha, e é concebido como uma instalação efêmera. Quando esses terrários em potes de conserva são fechados, não podem mais ser abertos em nenhuma hipótese; se instalados em uma sala expositiva tradicional, sem a adição de luz do sol, eles podem morrer. O processo artístico aqui não é o fazer dos terrários, nem suas características, mas o processo de perecimento de uma coisa que poderia durar para sempre. Este trabalho é um fluxo e o olhar sobre ele. Há aqui um contraste entre o eterno e o efêmero. Mesmo que o sentimento geral diante do trabalho de conservação seja o de preservar o melhor possível estes ecossistemas, a obra artística pede que este ato de deixar morrer seja tomado. Deixar o trabalho morrer (ou viver) é uma decisão que se atravessa e da qual ninguém tem nenhum controle.